

Cecília Meireles na defesa da reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal: uma leitura de alguns *comentários* na *Página de Educação* (1930-1931)

Cecilia Meireles in the defense Fernando de Azevedo's Reform in the Federal District: A Read of some *Comentários* on the *Página de Educação* (1930-1931)

Juarez José Tuchinski dos Anjos¹

6

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar a defesa da Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal feita por Cecília Meireles entre os anos de 1930 e 1931 em alguns dos *comentários* da *Página de Educação* do *Diário de Notícias*. As conclusões apontam que em distintos momentos, Cecília Meireles utilizou-se de sua página para defender a obra reformadora de Fernando de Azevedo, seja sustentando seu nome como candidato a Ministro de Educação, seja propalando o alcance de sua reforma ou denunciando os que colocavam em risco o seu legado no Distrito Federal. Cecília Meireles, ao defender Fernando de Azevedo e sua reforma nas páginas do *Diário de Notícias* tornou-se agente ativa desta mesma reforma, visando garantir que ela não fosse interrompida pela saída do reformador.

Palavras-chave: História da Educação; Cecília Meireles; Reforma Fernando de Azevedo; Distrito Federal.

Abstract: The article aims to analyze the defense of the Fernando de Azevedo Reform in the Federal District made by Cecília Meireles between the years 1930 and 1931 in some of the *Comentários* on the *Página de Educação* of *Diário de Notícias*. The conclusions indicate that at different times, Cecília Meireles used her page to defend the reforming work of Fernando de Azevedo, whether supporting his name as a candidate for Minister of Education, publicizing the scope of his reform or denouncing those who put it in danger. risk his legacy in the Federal District. Cecília Meireles, by defending Fernando de Azevedo and his reform on the pages of *Diário de Notícias*, became an active agent of this same reform, aiming to ensure that it would not be interrupted by the reformer's departure.

Keywords: History of Education; Cecília Meireles; Fernando de Azevedo Reform; Federal District.

¹ Doutor em Educação. Professor de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Recebido em 18/09/2023

Aprovado em 07/11/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

OPEN  ACCESS

Introdução

Muitos estudos têm sido desenvolvidos na última década sobre a atuação jornalística de Cecília Meireles, uma das pioneiras da Escola Nova, através da seção *Comentário*, publicada na década de 1930 no *Diário de Notícias*, dentro da sua coluna *Página de Educação*. Marcus Vinícius da Cunha e Aline Vieira de Souza (2011) estudaram o temário da escola nova nas colunas assinadas por Meireles; Mariana Batista do Nascimento Silva e Geraldo Inácio Filho (2013) analisaram o discurso da educadora sobre as relações entre a Revolução de 30 e a Educação; Claudinei Magno Magre Mendes (2017), por sua vez, dedicou-se a investigar a luta cotidiana de Cecília Meireles em suas colunas jornalísticas em prol da difusão da Escola Nova; Sônia Câmara e Jodar Roberto (2017) evidenciaram as concepções de infância e sua educação nos textos da educadora; já Bernadete Strang (2018) privilegiou os embates de Cecília com o Ministério da Educação de Francisco Campos e os grupos católicos, opositores das reformas da Escola Nova realizadas no país; por fim e sem a pretensão de um levantamento exaustivo, Núbea Xavier e Magda Sarat (2023) propuseram-se a investigar os discursos sobre educação e civilidade produzidos por Meireles.

Um tema que este breve levantamento sugere que ainda não foi suficientemente explorado pela historiografia é o da defesa das reformas educativas empreendidas pelos pioneiros da Escola Nova, realizada por Cecília Meireles por meio de sua atividade jornalística. De fato, de 1927 a 1934 importantes reformas educacionais foram levadas à cabo no Distrito Federal e em São Paulo, em diferentes momentos, pela tríade de educadores que seria nominada por Paschoal Lemme (2004) de “Cardeais da Educação”. Falo, especificamente, das Reformas de Fernando de Azevedo (1927-1930) no Distrito Federal; Lourenço Filho, em São Paulo (1930-1931) e Anísio Teixeira (1931-1934) novamente no Distrito Federal. Tais reformas foram acompanhadas de perto por Cecília Meireles, na sua *Página de Educação*. Ela e esses educadores estavam unidos em prol de uma causa maior: a renovação da educação brasileira, luta que, com outros vinte e dois signatários, encampariam como personagem coletivo (VIDAL, 2013) por meio do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, tornado público em 1932.

Diante do exposto, visando oferecer uma contribuição à historiografia ceciliana e fazendo um recorte nesta problemática, o objetivo deste artigo é analisar a defesa da Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal feita por Cecília Meireles entre os anos de 1930 e 1931 em alguns dos *comentários da Página de Educação do Diário de Notícias*.

A fonte privilegiada são os *comentários* de Cecília Meireles publicados na *Página de Educação* do *Diário de Notícias*. Para este estudo, foram consultados os comentários organizados por Leodegário Azevedo Filho na coleção *Crônicas de Educação*. A atenção recaiu sobre um conjunto de textos publicados no volume II, reunidos sob o núcleo temático “Educação, Revolução, reformas de ensino e ortografia”. Trata-se dos comentários “O Ministério da Educação Pública”, de 30 de agosto de 1930; “Reformas”, de 8 de novembro de 1930 e “O Sr. Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino”, de 7 de junho de 1931.

Diante dos textos de Cecília Meireles, procurei ter presente o que observou Ana Chrystina Mignot: “Ao dirigir a *Página de Educação*, Cecília interferiu na política cultural, conferindo visibilidade à questão educacional na medida em que contribuiu para a produção e difusão de uma nova maneira de pensar os seus principais problemas” (MIGNOT, 2001, p. 151). Parafraseando Robert Darnton (1996), pode-se dizer que Cecília, por meio de suas colunas, fez da imprensa não apenas um espaço de relato da educação, mas ingrediente mesmo dos eventos educacionais que dava a ver. Para ela, o jornal funcionava como uma tribuna a partir da qual somava-se ao esforço renovador representado pelo Movimento pela Escola Nova, do qual era parte ativa e bem articulada a um de seus principais representantes naquele momento: Fernando de Azevedo.

Acompanhemos, nas páginas que seguem, a defesa que Cecília fez dele e das reformas que realizara no Distrito Federal entre os anos 1927 e 1930, em colunas escritas no período posterior, isto é, 1930-1931. Ao final, encerraremos esse percurso com algumas considerações, a título de conclusão.

Um nome para o Ministério da Educação

Ao circular nos bastidores do poder a informação de que Fernando de Azevedo, então diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, poderia vir a ser nomeado o primeiro ministro do (em vias de ser criado) Ministério da Educação, Cecília Meireles tratou de realçar o mérito do candidato ao cargo, em comentário de 30 de agosto de 1930:

A notícia, em circulação, de que o próximo governo criará o Ministério da Educação Pública e, à sua frente, colocará o atual diretor da Instrução do Distrito Federal, é de imenso valor para quem se interessa pelo problema

educacional. A implantação da Reforma Fernando de Azevedo marca uma época no Brasil. Por muitas imperfeições que ainda contenha, e por maiores que sejam as dificuldades que o ambiente opõe à sua execução, ela, ainda que não tivesse dado mais que o abalo formidável que deu à escola do passado, teria, só por isso, mérito para ser louvada indefinidamente por quem quer que, desprendido de interesses pessoais, nada temendo, nem ambicionando, se saiba colocar à altura de ver o que convém à humanidade, antes de pensar no que a si mesmo convém (MEIRELES, 2017a, p. 101).

Como elucida André Paulilo (2008), Fernando de Azevedo chegou à Diretoria Geral da Instrução do Distrito Federal por indicação do presidente Washington Luís, por “sugestão de Renato Jardim, diretor da Instrução que deixava o cargo. Só então o convite foi formalizado por Antônio Prado Júnior, prefeito da capital federal. Ainda que não tenha sido exatamente assim, o convite foi aceito e a cerimônia de posse ocorreu em 17 de janeiro de 1927” (PAULILO, 2008, p. 45). Como se percebe, por meio de uma intrincada rede de relações, é que Azevedo galgou ao posto que, três anos mais tarde, o credenciava, na ótica de Cecília Meireles, para o que seria o cargo máximo da educação no país. Mas, o que o qualificava *efetivamente*, era a Reforma do ensino que conseguira realizar.

Cecília não se propõe a enumerar os feitos da reforma propriamente dita – até porque vários deles não eram objeto de consenso, como, por exemplo, as demissões de professores que Azevedo realizara na Escola Normal bem como os gastos vultosos na construção da nova sede da instituição (VIDAL, 2020), apenas para citar algumas objeções que se levantavam à época contra o Diretor da Instrução Pública. Antes, a jornalista, embora reconheça a existência de “muitas imperfeições” que a Reforma ainda contivesse, enfatiza o “abalo formidável que deu à escola do passado”, isto é, as mudanças e transformações que teria empreendido na organização e na cultura escolar das escolas do Distrito Federal. Reconhecer esses méritos, porém, era algo só para quem se pusesse acima dos interesses pessoais, se “colocando à altura de ver o que convém à humanidade, antes de pensar no que a si mesmo convém”. A obra de Azevedo, portanto, era apreciada só pelas pessoas de visão, capazes de compreender seus efeitos e alcances. Com isso, ela desqualificava os críticos ao mesmo tempo em que qualificava o reformador como aquele que pensava antes no bem geral que no seu próprio interesse.

Apresentado o mérito do candidato, Cecília Meireles passa a destacar os frutos colhidos pela reforma empreendida pelo educador e que poderiam ser mantidos e ampliados se viesse a ocupar a pasta ministerial da Educação:

Todos sabem, no entanto, que não foi esse o único fruto da reforma, até hoje. Ela conseguiu estimular as forças vivas do magistério; trouxe uma esperança nobre para os que se iam finando, desiludidos, na sombra do regime antigo; chamou a atenção para a criança com eloquência e elevação. Transformou o magistério de burocracia em apostolado (...)

Manter o sr. Fernando de Azevedo à frente do Ministério da Educação, no novo governo, seria permitir a mais séria tentativa que neste momento se poderia fazer em assunto educacional: o da completação de uma obra que o tempo não permitiu se desenvolvesse ainda suficientemente (MEIRELES, 2017a, p. 101).

Novamente, Cecília entrega ao leitor – e, agora, ao historiador – a responsabilidade de ler nas entrelinhas os feitos a que se refere: 1) O estímulo às forças vivas do magistério; 2) a esperança aos desiludidos; 3) a atenção conferida à criança; e a 4) transformação do magistério em apostolado. Consultando a historiografia sobre a Reforma Fernando de Azevedo, podemos, a modo de possibilidade histórica (DAVIS, 1987), delinear melhor o que seriam os frutos a que a jornalista se refere.

Em relação aos pontos 1 e 4, Sônia Câmara nos lembra que

Com o intuito de difundir, junto ao professorado da capital, as ideias e os métodos modernos de ensino, a Diretoria Geral de Instrução Pública envidou esforços na organização de cursos e de uma biblioteca de natureza didática e pedagógica contendo volumes que pudessem esclarecer o magistério sobre os princípios da Escola Nova (CÂMARA, 2011, p. 189)

A Reforma, deste modo, contribuiu com o processo de capacitação pedagógica do professorado carioca, habilitando-o a colocar em prática o programa educativo da Escola Nova, fato que realçava a qualidade do trabalho de Azevedo junto ao corpo docente da capital, transformados de burocratas em apóstolos do ensino.

Quanto ao ponto 2, a quase poética referência aos “desiludidos, na sombra do regime antigo” parece recordar que os anseios por renovação do ensino no Distrito Federal eram antigos e já tinham sido objeto de outras tentativas, como a Reforma Carneiro Leão intentada entre 1922 e 1926 (PAULILO, 2011). A Reforma de Azevedo, porém, teria obtido maior sucesso, alcançando resultados mais efetivos e impactantes, devolvendo a “esperança” aos que ansiavam pela renovação pedagógica da educação no Rio de Janeiro.

No que toca ao ponto 3, os programas de ensino passaram a ser pensados e organizados em função da criança, que, por meio dos centros de interesse, tornava-se personagem central dos processos educativos, tendo em vista “a finalidade pedagógica e social da escola e os novos fins que apresentava. O ponto de partida era o princípio da observação, sendo a escola apresentada como laboratório de experiências” (CÂMARA, 2011, p. 190).

Deixando tudo isso subentendido nas entrelinhas do seu discurso, Cecília Meireles considera que, uma eventual nomeação de Azevedo ao Ministério, garantiria “a completação de uma obra que o tempo não permitiu se desenvolvesse ainda suficientemente” e que poderia, sem dúvida, ser alargada a outras partes do país.

Aos que pudessem estender a uma possível indicação de Fernando de Azevedo ao Ministério da Educação as críticas que se faziam à sua reforma no Distrito Federal, Cecília Meireles se adiantava:

Porque o que sofremos desta reforma não nos vem dela; vem da incompreensão que a envolve; dos seus antagonistas; dos seus detratores e, o que ainda é pior, dos seus falsos apologistas. Vem dos inimigos da reforma; vem dos que, por não poderem passar adiante, com ela, não a querem, também, deixar passar. Contemplando a obra iniciada, comparando-a com a de tempos anteriores, sente-se bem as diferenças que há entre o passado e o presente. Os que hesitarem entre as duas épocas não merecem o nome de educadores (MEIRELES, 2017a, p. 102).

Através de uma bem tramada operação narrativa, Cecília categoriza e classifica os opositores da Reforma, vendo-os, sobretudo, como pessoas que não estando habilitadas a continuar no campo educacional com as novas exigências que ela trouxe consigo, não a queriam deixar seguir adiante. A jornalista finaliza asseverando que aqueles que hesitavam entre o passado e o presente reformado, sequer eram merecedores de serem chamados de educadores. Título, que, por oposição, podemos supor que ela reservava aos que eram partidários da Reforma e que estavam, assim, ao lado dela e de uma possível indicação de Fernando de Azevedo à pasta da Educação a ser criada.

O alcance da Reforma de Fernando de Azevedo

Como sabemos, a indicação de Fernando de Azevedo para o Ministério da Educação não se concretizou. Em seu lugar, após a Revolução de Outubro de 1930 e como resultado da nova orientação política de Getúlio Vargas, seria feito Ministro da Educação um outro reformador, o mineiro Francisco Campos, que, embora não desprezasse de todo a pedagogia da escola nova, a subsumiria em seu discurso católico. Sua religiosidade, inclusive, seria objeto de críticas da parte de Cecília Meireles (STRANG, 2018). Além de não ser nomeado ministro, Azevedo deixou o cargo de Diretor Geral da Instrução do Distrito Federal em outubro de 1930. Diante desse quadro, tornava-se ainda mais necessário defender sua obra reformadora, o que foi feito por Cecília Meireles no comentário *Reformas*, publicado 8 de novembro de 1930, dias

antes da criação oficial do Ministério da Educação, para o qual, ao que parece, o nome de Azevedo já não era mais ventilado. Segundo ela:

Há reformas (...) que surgem de uma confluência de todas as energias de uma época, que são uma consequência do processo da própria vida, e que tem raízes tão fundas que, ainda quando tolhidas ou contrariadas no momento que as fez nascer, vencem todos os obstáculos para se afirmarem, encontrando, sempre, uma atmosfera favorável para lhes assegurar existência íntegra, embora difícil.

A Reforma do Ensino do Distrito Federal pertence a este número.

Nós não tivemos uma alteração do processo educativo, ou antes, uma substituição do velho regime de *ensinar* pelo novo regime de *educar*, pelo capricho ou curiosidade de um administrador. É preciso que os raros professores que ainda existem, apologistas das cartilhas e da burocracia, que fizeram da sua função uma arte de contar os dias de serviço para promoção, e das suas relações, cortejadas e aduladas, a fórmula de se encontrarem sempre em situações de destaque – é preciso que esses raros espécimes dos velhos tempos de escola-cárcere, se convençam – ainda que não o declarem – que esta reforma marcou e marcará uma data na nossa civilização. Não importa que ela não tenha ainda frutificado amplamente. Os efeitos que veem lentamente nem por isso deixam de vir (MEIRELES, 2017b, p. 110-111, *grifos do original*).

Ignorando a multiplicidade de tendências na arena educativa do seu tempo – não só nos ambientes católicos mas, inclusive, entre os partidários da Escola Nova, num apagamento semelhante ao que faria Fernando de Azevedo uma década mais tarde no seu *A Cultura Brasileira*, como problematizou Marta Carvalho (1989) – ela considera a Reforma de 1927-1930 como pertencente ao grupo daquelas que nasciam “da confluência de todas as energias de uma época, que são uma consequência do processo da própria vida”, ou seja, que vinham ao encontro de necessidades sociais incontornáveis, fruto de consenso entre educadores e, por isso, inquestionáveis. “A Reforma do Ensino do Distrito Federal pertence a este número”, afirma Meireles.

Sua principal característica foi a alteração do regime do ensino: a “substituição do velho regime de *ensinar* pelo novo regime de *educar*”, de uma escola livresca e passiva por uma escola ligada à vida e ao trabalho, uma escola ativa ou, como preferiam nominar Azevedo e Cecília, uma Escola Nova. E essa mudança não nasceu do capricho do reformador, mas, como disse linhas antes a jornalista, de uma confluência de energias que queria a renovação da instituição escolar. Porém, tal reforma permanecia incompreendida, não por todos, mas por alguns “raros” professores que ainda existiam e estavam insatisfeitos com as mudanças. Porém,

mesmo eles, “raros espécimes dos tempos da escola-cárcere” teriam, ao final, que se convencer que a reforma “marcou e marcará uma data na nossa civilização”. Mais uma vez, habilmente, Cecília relativiza as críticas sofridas por Azevedo, para exaltar os seus feitos e os frutos que ainda poderiam advir, mesmo que lentamente, da obra reformadora agora colocada em xeque.

Em defesa do legado Azevediano

Em 7 de junho de 1931 Cecília Meireles publicou um terceiro comentário de defesa à Reforma Fernando de Azevedo – *O Sr. Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino*. O contexto agora era lhe era ainda mais desfavorável: não só deixara de ser Diretor Geral de Instrução do Distrito Federal como, lembra-nos Diana Vidal (2020), estava sendo acusado pelo novo ocupante do cargo, de malversação dos recursos públicos no processo de construção da nova sede da Escola Normal, na rua Mariz e Barros. Para Cecília Meireles, sua obra educacional estava em risco de modo que urgia mais do que nunca, defendê-la face aos opositores. Para tanto, publicou em sua coluna um texto do próprio reformador em que este fazia a apologia de seu legado.

Nos bastidores, segundo a correspondência privada entre Meireles e Azevedo analisada por Diana Vidal (2001), em 8 de abril de 1931 é que foi feito o convite para a redação deste texto na coluna da Cecília no *Diário de Notícias*, evidenciando uma cumplicidade e colaboração entre ambos:

Amiga de Azevedo, admiradora de sua obra, Cecília Meireles oferecia-lhe as páginas do jornal para que realizasse a defesa de sua obra. Em lugar de entrevista *strictu sensu*, propunha a elaboração de um artigo, em que fossem destacados como aspectos:

O espírito da Reforma... a escola primária como ponto de partida para uma organização educacional completa. As várias etapas do processo educacional: escola Normal (formação do professor), Escolas Profissionais, Universidade. Relações entre a escola e a vida, o desenvolvimento da organização educacional e o da organização humana, sem paralelismo. (VIDAL, 2001, p. 94, grifos do original em citação à Carta de Cecília Meireles).

Após a publicação deste texto assim combinado na *Página de Educação*, a própria Cecília toma para si a tarefa de defender o espólio do reformador. Escreve ela:

No artigo que ontem publicamos, do dr. Fernando de Azevedo, especialmente escrito para esta “Página”, o que imensamente nos honra, uma coisa ressalta, desde logo, aos olhos daqueles que ainda desconhecem o valor da Reforma do Ensino do Distrito Federal, projetada e iniciada pelo ilustre ex-diretor da Instrução Pública: o contraste entre os tempos passados e os presentes; a enorme diferença do ambiente em que se situavam as questões de educação no regime findo e em que hoje estão sendo elas situadas.

Nós estávamos, primeiramente, vegetando como num mundo de mortos, numa sombria atmosfera de rotina invencível, onde todos os esforços tentados fracassavam, pela ausência de elementos propícios ao seu desenvolvimento e expansão. O dr. Fernando de Azevedo, nesse mundo de sombras, em que os gestos raros e inúteis, se mecanizavam num ritual anacrônico, teve uma audácia incrível, sonhando a obra educacional que, enfim, chegou a ser o início de uma realidade fecundíssima (MEIRELES, 2017c, p. 144).

Na pena de Cecília Meireles, Fernando de Azevedo emerge como o homem audaz e sonhador, que arquitetando o futuro, transformara o presente da educação, um presente radicalmente diferente do passado contra o qual lutara, marcado pela “atmosfera de rotina invencível, onde todos os esforços tentados fracassavam, pela ausência de elementos propícios ao seu desenvolvimento e expansão”. Tanto o texto de Azevedo (se seguiu o roteiro por ela sugerido) como o da própria Cecília, se empenham em confirmar essa positividade da atuação do reformador em prol da educação pública do Rio de Janeiro.

Em que pesem essas qualidades que reformador e reforma traziam consigo, na nova situação política pós-revolução, sua obra começava a ser ignorada, colocando-se em risco sua continuidade, razão, pela qual, urgia defendê-la:

Não obstante, depois de posta em execução a Reforma Fernando de Azevedo, experimentada em todos os seus pontos, compreendida, aplicada e reconhecida como excelente por este professorado incansável que ainda é uma honra para o Brasil – chegamos a esta tristíssima verificação: existe, ainda, um pequeno núcleo de responsáveis diretos para a formação do Brasil que parece ignorar completa e profundamente não só o valor desta formidável obra do Distrito Federal como a de outras tentativas idênticas, que se ergueram em nosso país, e que são a mais admirável expressão do seu adiantamento e da sua própria vitalidade (MEIRELES, 2017c, p. 144-145).

Quem seria esse “pequeno grupo” que ignorava os feitos de Azevedo e, com isso, colocava em risco sua reforma? Cecília não os nomina, mas com base nos estudos de Diana Vidal, podemos supor tratar-se de desafetos do reformador que, naquele momento, estavam sucessivamente ocupando cargos de mando na máquina administrativa da educação do Distrito Federal. Segundo Vidal (2020, p. 59), com a saída de Fernando de Azevedo

...subiu ao cargo Osvaldo Orico – “indivíduo sem dignidade, sem ideais e sem escrúpulos, movido ou por despeito e vaidade ou por interesses feridos”, como afirmou em carta Azevedo a Venancio Filho (Penna, 1974, p. 111) – antigo professor da Escola Normal, afastado na caça aos efetivos não concursados, realizada em 1927. Foi logo substituído por Raul de Faria, inspetor escolar, também adversário político de Fernando. Tão pronto nomeado, Faria iniciou inquéritos para apurar irregularidades cometidas pela administração anterior à Revolução, acusando Azevedo de malversação de recursos públicos na construção do prédio da Escola Normal (Lemme, 1988).

Ao não dar continuidade às iniciativas de Azevedo, estes personagens não só paralisavam sua obra, como a desqualificavam. E não apenas. Também ignoravam o valor de “outras tentativas idênticas, que se ergueram em nosso país, e que são a mais admirável expressão do seu adiantamento e da sua própria vitalidade”. De fato, à mesma época em que desenrolara a Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal, os outros “Cardeais da Educação” estavam envolvidos em reformas específicas: Anísio Teixeira na Bahia (ROCHA, 2011) e Lourenço Filho em São Paulo (MATE, 2011). Esses nomes, inclusive, seriam defendidos em crônicas distintas por Cecília Meireles em outros momentos, confirmando, mais uma vez, a solidariedade que havia entre esses que viriam a ser membros de destaque do grupo dos pioneiros, em 1932.

Cecília Meireles encerra sua defesa da gestão Fernando de Azevedo no Distrito Federal pintando com tintas sombrias o panorama que se descortinava no seu presente:

O artigo do sr. Fernando de Azevedo, expondo, agora, nesta crise que atravessa a Instrução Pública entre nós, os pontos básicos da sua obra inteligentíssima na última administração, é um choque formidável neste ambiente atual, mais estagnado, talvez, que o anterior à reforma.

Um choque formidável, porque põe num terrível contraste o passado e o presente, o que podia ter sido com o que, desgraçadamente, é.

Antes da reforma, compreendia-se um ambiente como o atual. Depois dela, não só não se compreende como também não se perdoa.

Fazer uma grande obra, nem todos a podem fazer. Mas respeitá-la e favorecê-la, isso, sim, já é mais fácil, e depende até menos da inteligência, que da boa vontade daqueles a quem ela é confiada (MEIRELES, 2017c, p. 145).

Na pena de Cecília Meireles, o resultado da inatividade dos novos gestores da instrução pública no Distrito Federal já se fazia sentir, fazendo lembrar o passado que antecederia a Reforma de Azevedo. Mas uma situação imperdoável após uma tão frutuosa reforma, que, se não podia ser continuada pelos que agora ocupavam os cargos de gestão, devia, pelo menos, ser respeitada e favorecida, já que “depende até menos da inteligência, que da boa vontade daqueles a quem ela é confiada”. O legado de Azevedo estava em risco, não por sua culpa, mas dos que o sucederam. Ao denunciar tal situação, Cecília Meireles buscava dar sua contribuição para que o movimento de renovação educacional não cessasse.

Últimas considerações

Este artigo teve por objetivo analisar a defesa da Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal feita por Cecília Meireles entre os anos de 1930 e 1931 em alguns dos comentários da *Página de Educação* do *Diário de Notícias*.

Pudemos perceber que, em distintos momentos, Cecília Meireles utilizou-se de sua página para defender a obra reformadora de Fernando de Azevedo, seja sustentando seu nome como candidato a Ministro de Educação, seja propalando o alcance de sua reforma ou denunciando os que colocavam em risco o seu legado no Distrito Federal.

De forma hábil, Cecília soube reafirmar a figura pública de Fernando de Azevedo como ilustre educador e gestor, desqualificando, ao mesmo tempo, seus opositores, negando-lhes, inclusive, o rótulo de educadores. Para ela, só era digno desse nome quem estava alinhado ao processo de renovação da escola e da educação, de que ela e Azevedo, dentre outros, eram partidários.

Por fim, podemos concluir que Cecília Meireles, ao defender Fernando de Azevedo e sua reforma nas páginas do *Diário de Notícias* tornou-se agente ativa desta mesma reforma, visando garantir que ela não fosse interrompida pela saída do reformador. Suas palavras, em certa medida, não pairaram no vazio, pois, em fins de 1931, teria oportunidade de ver outro renovador assumir a pasta da instrução pública do Distrito Federal: Anísio Teixeira, cujo nome, em nova série de crônicas – que merecem um estudo específico – faria apresentação e defesa

ao público carioca, mantendo sua estratégia de colocar a imprensa a serviço da renovação educacional em movimento.

REFERÊNCIAS

CÂMARA, Sônia. A Reforma Fernando de Azevedo e as Colmeias Laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1930. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Uberlândia: EDUFU e Autores Associados, 2011, p. 177-198.

CÂMARA, Sônia; ROBERTO, Jodar de Castro. Entre o “sonho e a ação”: a infância e sua educação nas crônicas de Cecília Meireles no jornal Diário de Notícias, de 1930 a 1932. **Educação em Foco**. N. 30, p. 39-58, jan./ abr. 2017.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O novo, o velho, o perigoso: relendo A Cultura Brasileira. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 71, p. 29-35, nov. 1989.

CUNHA, Marcus Vinícius da; SOUZA, Aline Vieira de. Cecília Meireles e o temário da Escola Nova. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 144, p. 850-865, set./ dez. 2011.

DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa: a imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEMME, Paschoal. **Memórias**. (5 vols.). Brasília: INEP, 2004.

MATE, Cecília Hanna. Lourenço Filho e a Reforma de 1931 (SP): o governo dos professores... e alunos. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Uberlândia: EDUFU e Autores Associados, 2011, p. 269-290.

MEIRELES, Cecília. O Ministério da Educação Pública. In: **Crônicas de Educação. Volume 2**. São Paulo: Global, 2017a, p. 101-102.

MEIRELES, Cecília. O Sr. Fernando de Azevedo e a atual situação do ensino. In: **Crônicas de Educação. Volume 2**. São Paulo: Global, 2017c, p. 144-145.

MEIRELES, Cecília. Reformas. In: **Crônicas de Educação. Volume 2**. São Paulo: Global, 2017b, p. 110-111.

MENDES, Claudinei Magno Magre. Cecília Meireles no Diário de Notícias: a luta cotidiana pela Escola Nova (junho de 1930 a outubro de 1930). **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 39, n. 4, p. 371-380, out/ dez 2017.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Antes da despedida: editando um debate. In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.) **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio e Loyola, 2001, p. 149-172.

PAULILO, André Luíz. A Reforma Carneiro de Leão no Distrito Federal (1922-1926). In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Uberlândia: EDUFU e Autores Associados, 2011, p. 43-62.

PAULILO, André Luiz. A Reforma Fernando de Azevedo em artigos de imprensa e sua ação política na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930). In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Educação e Reforma: o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008, p. 45-58.

ROCHA, Lúcia Maria Franca da. A Instrução Pública na Bahia 1924-1928: Anísio Teixeira. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)**. Uberlândia: EDUFU e Autores Associados, 2011, p. 63-82.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento; INÁCIO FILHO, Geraldo. Revolução de 1930 e educação: uma visão da poeta Cecília Meireles. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. **Anais...** Natal: UFRN, 2013, p. 1-13.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. Ensino, Reformas e Política nas Crônicas de Cecília Meireles (1930-1933). **Rev. Ens. Educ. Cienc. Human.** Londrina, v. 19, n. 3, p. 353-362, 2018.

VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./ set. 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938). In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.) **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio e Loyola, 2001, p. 81-104.

VIDAL, Diana Gonçalves. Um educador nas lutas de seu tempo. In: SILVA, José Cláudio Sooma; VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte (orgs.). **Fernando de Azevedo em releituras**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020, p. 15-86.

XAVIER, Núbea Rodrigues; SARAT, Magda. A professora Cecília Meireles: educação e civilidade em suas publicações de 1930 a 1940. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 32, p. 159-182, jan./dez. 2023.